

# NOVAS MÍDIAS: LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Fernando Moreno da Silva

## INTRODUÇÃO

Nós vivemos um segundo dilúvio: o da informação. Com o mar de mensagens, em diferentes meios e em diversos formatos (textuais, imagéticas, audiovisuais etc.), o homem não morre afogado, mas sofre da “síndrome da fadiga da informação”, uma angústia provocada pela incapacidade de absorver tudo que ouve e vê. O mundo saiu da escassez para a saturação de informação. “Mais informações têm sido produzidas nos últimos 30 anos do que nos cinco mil anos anteriores. Uma edição de um dia de semana do *New York Times* contém mais informações do que tudo aquilo que um homem médio do século XVII ficou sabendo em toda sua vida” (SERVA, 1997, p. 148).

Todo esse cenário foi impulsionado ainda mais com as prerrogativas da internet, que potencializa os sentidos do homem. Quem muito bem percebeu essa possibilidade humana de se estender por meio de projeções artificiais foi Marshall McLuhan, que analisava as tecnologias como extensões do homem: “Sob pressão das necessidades, é mais natural fragmentar nossa própria forma corpórea, de maneira que uma parte dela se traduza em outro material, do que transferir movimentos de objetos externos em outros materiais” (MCLUHAN, 1979, p. 207). Ele compreendia a evolução tecnológica como aprimoramento ininterrupto da capacidade de captação (sentidos),

processamento (inteligência), produção (potência), acúmulo (memória) e partilha de informações cada vez mais rápidas (linguagem ou código comum).

Podemos dizer que a internet também é produto desse impulso fáustico, que permitiu uma revolução digital, trazendo consequências sociais, culturais e econômicas.

No âmbito social, todo esse aparato à nossa disposição estabeleceu novas formas de relação, que, por sua vez, criaram um novo mundo. Como diz o próprio McLuhan (1979, p. 37), “cada produto que molda uma sociedade acaba por transpirar em todos e por todos os seus sentidos”, ou seja, somos influenciados por aquilo que nos rodeia.

A internet trouxe inúmeras facilidades, como maior acesso à pesquisa e à comodidade. Pierre Lévy (1999), um teórico do mundo digital, afirma que com a internet o conhecimento se libertou da formalidade, já que as fontes são diretamente acessíveis. Essa diversidade de fontes e a discussão aberta possibilitaram um meio incontrolável, ao contrário da televisão e

da imprensa, que são instrumentos de manipulação e de desinformação por impor uma visão e proibir a resposta, a crítica e o confronto.

# Odisséia

Lévy (1999, p. 88) ainda diz que “o ‘virtual’ não substitui o ‘real’, ele multiplica as oportunidades para atualizá-lo”. Antes que haja confusão entre “real” e “virtual”, o teórico francês ressalta que virtualização não é uma desrealização do mundo; é, antes, uma extensão do potencial humano. A técnica condiciona a sociedade e a cultura, mas não as determina, ou seja, abrem-se algumas possibilidades que podem se efetivar ou não.

Por fim, podemos dizer que a internet trouxe, *pari passu*, consequências econômicas e culturais, alterando completamente a forma de comunicação dos meios tradicionais. E isso se deu tanto na produção como na recepção. Na produção clássica, o direcionamento é de um para vários, ou seja, do autor ou veículo de comunicação para todo o público. No meio digital, há o mecanismo de vários para vários; o modelo *one-to-many* (um-todos) das mídias tradicionais é substituído pelo modelo *many-to-many* (todos-todos), ampliando as possibilidades de interatividade e de estímulo-resposta entre os interlocutores do processo. Em outras palavras, qualquer autor pode disponibilizar seu trabalho na rede. Um exemplo em que essa mudança salta aos olhos está no uso das novas mídias.

## **NOVAS MÍDIAS**

A internet, como vimos anteriormente, criou a oposição entre mídias tradicionais (jornais, revistas, televisão, livros e rádio) e novas mídias: e-mail, SMS (mensagem eletrônica de texto para celular), MSN (para conversas), chat (sala de bate-papo), skype (telefone virtual), *blog* (diário virtual, de uso pessoal ou profissional).

Junto com as novas mídias, surgiram as mídias sociais, que se caracterizam pela produção de conteúdos de forma descentralizada e sem o controle editorial de grandes grupos. Essas mídias sociais dependem da interação entre pessoas para construir conteúdo compartilhado, usando a tecnologia (texto, gráficos, fotos, áudio, animação, vídeos etc.) como condutor. O termo Consumer-Generated Media (CGM), ou mídia gerada pelo consumidor, descreve o conteúdo que é criado e divulgado pelo próprio consumidor.

Um tipo de mídia social são as redes sociais. Exemplos: Twitter (microblogging que permite envio de mensagens de texto de até 140 caracteres a partir da pergunta “O que você está fazendo”), Wikipédia (enciclopédia virtual alimentada pelos próprios internautas), MySpace (espaço sobretudo de divulgação musical), Facebook (permite acrescentar aplicativos, como jogos, ferramentas etc.), YouTube (divulgação de vídeos), Second Life (jogo de realidade virtual), Flickr (publicação de fotos e vídeos), Orkut (para construção de perfis e reunião de amigos), Plurk (semelhante ao twitter, pois permite envio de textos com 140 caracteres) e inúmeros outros serviços.

Redes sociais representam um conjunto de participantes autônomos, unindo idéias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados. A questão central das redes é a valorização dos elos informais e das relações, em detrimento das estruturas hierárquicas. As redes sociais são exatamente as relações entre os indivíduos na comunicação mediada por computador (CARDOZO, 2008, p. 7).

Segundo Recuero (2009), as redes sociais são definidas por dois elementos: atores e conexões (laços sociais). É importante ressaltar que os sites de redes sociais são apenas suportes, uma forma de apresentar as redes; enfim, são sistemas, porque na verdade o que constitui as redes sociais são os atores sociais que as utilizam. Não podemos ignorar também que essas redes são uma forma de observar padrões de conexão de grupos sociais.

Como dito na introdução, a internet trouxe uma nova forma de relação entre as pessoas. Sabemos que a comunicação mediada por computador e por todos os recursos digitais está cada vez mais presente na vida cotidiana das pessoas. Portanto, é um fenômeno irreversível, que tem mudado os comportamentos e, conseqüentemente, a cultura.

O pesquisador norte-americano Dom Tappscot (1999) demonstrou no livro “Geração digital” que os jovens vêm construindo um novo jeito de aprender depois do advento da internet. Caracterizados pela independência e pela autonomia, os jovens buscam as fontes de informação, tornando-se mais dinâmicos e participativos. Com esse novo cenário digital, aquele tipo de professor “sabe-tudo”, que fornece todas as informações aos alunos, está com seus dias contados. Por isso, os processos de ensino e de aprendizagem devem se adaptar a essa nova realidade, indo ao encontro desse novo jeito de aprender e de ensinar.

Apesar de toda proliferação da internet, a exclusão digital ainda é grande, daí a necessidade de promover o letramento digital. De que forma? Criando condições para que o aluno possa se envolver com a linguagem multimodal do ambiente digital; enfim, pôr o aluno em contato com gêneros que estão cada vez mais presentes na comunicação mediada por computador.

### **GÊNEROS TEXTUAIS PARA LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL**

Para compreender por que o gênero textual é hoje foco de discussão no sistema educacional, é importante descrever o percurso do ensino da língua para entender como se deu a inclusão dos gêneros na disciplina de Língua Portuguesa.

Até o século XIX, a língua era ensinada por três disciplinas: Gramática, Retórica e Poética. Em meados desse mesmo século, essas três disciplinas foram unidas, surgindo a disciplina que hoje denominamos “Língua Portuguesa”.

A partir de 1950, mudanças começaram a ocorrer nessa disciplina, influenciadas pelas condições sociais e culturais. A primeira foi a inclusão do estudo do texto. Anteriormente, a gramática era vista apenas até o nível frasal.

Na década de 1970, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a disciplina de Língua Portuguesa passou por outra mudança. As idéias das teorias da comunicação incluíram no ensino a concepção de instrumento de comunicação, fazendo com que a disciplina fosse pensada de forma mais pragmática, voltada ao uso.

Logo em seguida, na década de 1980, a disciplina passou a receber contribuições da linguística. Na universidade, colocando o ensino da língua na berlinda, a discussão girou em torno de duas propostas: (i) ensino renovado da gramática, pautado na linguística; (ii) e a busca de um novo objeto de ensino, mais prático, refletindo sobre o uso da língua.

Pelos menos em teoria, as propostas de ensino do poder público têm adotado a segunda proposição, buscando substituir o ensino de uma teoria gramatical por um novo objeto de ensino, a prática da leitura e da produção textual nas modalidades oral e escrita.

Mas não basta tomar o texto como unidade de ensino se não se o tomar como um meio de interação e se não se considerar as condições sociais de interação. É diante dessa necessidade que ganha espaço, nos anos 90, a importância dos gêneros textuais como objeto de ensino da língua, sugeridos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

Toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva. Um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita [...]. Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou àquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. (BRASIL, 1998, p. 23).

No trecho extraído dos PCNs e citado acima há um equívoco<sup>1</sup> quando diz “competência discursiva”. Na verdade, a competência à qual o texto se refere é a “competência comunicativa”, ou seja, saber adaptar a língua à situação de uso.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais são diretrizes que norteiam os currículos e os conteúdos de Língua Portuguesa, distribuídos em dois eixos: (i) usos de linguagem e (ii) reflexão sobre a língua e a linguagem.

É no eixo “usos de linguagem” que os gêneros textuais entram como objeto de ensino-aprendizagem da língua materna para aproximar a prática escolar do uso real da língua em sociedade.

Como sabemos, são várias as críticas que se lançam contra o ensino tradicional da língua, que se restringe na maioria das vezes ao ensino da gramática normativa. Em vez de habilitar o aluno ao uso da língua nas diversas situações de comunicação, desenvolvendo nele a competência comunicativa, a escola obriga-o a decorar uma extensa terminologia vazia e um manual de regras totalmente descontextualizado, sem preocupação alguma com o uso efetivo da linguagem.

É pensando nesse contexto ultrapassado que o emprego dos gêneros ganha importância; afinal, o contato com os textos da vida cotidiana, como publicidades, textos de jornal, HQ, piadas, *blog*, anotações diversas, enfim, os mais variados formatos, estimula a capacidade de leitura e de construção de textos.

Isso faz com que partamos do pressuposto de que quanto maior o contato do aluno com os diferentes tipos de textos, oriundos dos diversos domínios discursivos (esportivo, literário, musical, jornalístico, científico, etc.), maior será sua capacidade de refletir sobre os mecanismos linguísticos e extralinguísticos que estão presentes no processo comunicativo.

Marcuschi (2002) discute a diferença entre tipos textuais e gêneros textuais. Gêneros textuais seriam as realizações linguísticas concretas, materializadas pelos textos, abrangendo um conjunto ilimitado: sermão, romance, cartas, e-mail, resenha, edital de concurso, aula, piada, reportagem, bula de remédio, etc. Um texto sempre se manifesta por um gênero textual. Para Silva (1997, p. 105),

---

<sup>1</sup> Há, guardadas as devidas proporções, cinco competências: 1) Competência linguística: conhecer a estrutura do idioma (fonologia, morfologia, sintaxe e semântica) e seu léxico; 2) Competência discursiva: reconhecer estruturas narrativas (transformação de estados), discursivas (tematização e figurativização) e mecanismos que sustentam um discurso, como argumentação, figuras de pensamentos, etc.; 3) Competência textual: saber o suporte no qual o discurso será veiculado: criação em meios audiovisuais, arte pictórica, linguagem fílmica ou textualização em língua natural (caráter linear dos significantes); 4) competência intertextual: identificar a heterogeneidade discursiva; 5) Competência comunicativa: saber escolher a variedade linguística a ser usada conforme o interlocutor, o espaço e o momento.

Os gêneros são formas de funcionamento da língua que construímos e atualizamos na forma de texto, é toda e qualquer manifestação concreta do discurso produzida pelo sujeito em uma dada esfera social do uso da linguagem. São fenômenos contextualmente situados, (re)conhecidos por nós empiricamente. Ou seja, sabemos o que é uma carta, um bilhete, uma piada etc – na medida em que convivemos com essas formas de interlocução em nossa sociedade.

É pertinente chamar a atenção para o fato de que o conceito de “gêneros textuais” de Marcuschi corresponde ao que Bakhtin (1997) chamou de “gêneros do discurso”.

Já os tipos textuais, por sua vez, seriam uma espécie de construção definida pela natureza linguística da composição ou pelas propriedades intrínsecas. Não são textos concretos, mas sequências linguísticas típicas que funcionam como norteadoras. Retomando Silva (1997, p. 101), resumimos que “os tipos textuais são modos enunciativos de organização/atualização do discurso no texto efetivados por operações textual-discursivas, construídas pelo locutor em função de sua atitude discursiva em relação ao seu objeto de dizer e ao seu interlocutor”.

Ao contrário dos gêneros textuais, que são manifestações infinitas, os tipos textuais abrangem um conjunto limitado de cinco tipos: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

a) narração: quando a essência é narrar, ou seja, contar fatos;

b) argumentação: quando pretendemos discutir um assunto ou ideia, defendendo pontos de vista, como nos textos opinativos;

c) exposição: quando expomos fatos para transmitir um campo do saber, como nos textos científicos;

d) descrição: para caracterização de objetos;

e) injunção: quando há o caráter de ordem ou imposição de algo ao receptor, como na bula de remédio ou no edital de um concurso;

Embora coloquemos, de um lado, tipos textuais e, de outro, gêneros textuais, na prática, o que ocorre é uma relação entre eles.

### **NOVAS MÍDIAS COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO**

Quando falamos que o contato com textos da vida cotidiana é um estímulo para as habilidades de leitura e de produção textual, partimos do pressuposto de que quanto maior o contato do aluno com os diferentes tipos de textos, oriundos dos diversos domínios discursivos (esportivo, literário, musical, jornalístico, científico, digital etc.), maior será sua capacidade de

refletir sobre os mecanismos linguísticos e extralinguísticos que estão presentes no processo comunicativo. Ou seja, maior será sua competência comunicativa.

O objetivo deste artigo é propor um maior contato com gêneros textuais cada vez mais presentes na vida dos alunos: os gêneros em ambiente digital. Inicialmente, falamos da revolução que a internet trouxe ao mundo da comunicação. Depois, discorremos sobre a tendência de trabalhar em sala de aula com gêneros de diversos domínios para aperfeiçoar a competência comunicativa dos alunos. Agora, só nos resta propor uma forma de relacionar essas duas tendências.

As novas mídias trouxeram novos gêneros textuais que o professor não pode ignorar, caso contrário perderá a oportunidade de interagir com uma geração digital disposta a aprender e a vivenciar experiências valiosas para o futuro dela.

Apresentamos, dessa forma, uma proposta que poderia ser aplicada em laboratório junto aos alunos na disciplina de língua portuguesa, valendo-nos dos dois eixos básicos: leitura e produção textual.

A proposta seria trabalhar com um gênero digital específico, o *blog*, fazendo uso de outros gêneros da internet como ferramentas adicionais. Por se tratar de uma atividade que articula teoria e prática, deve ser desenvolvida em laboratório de informática.

*Blog*, muitas vezes chamado de diário virtual, é uma espécie de página pronta na internet, na qual o autor pode publicar livremente qualquer tipo de texto. Ferramenta originária da internet, o *blog* foi criado em 1997 pelo norte-americano Dave Winer. No Brasil, os *blogs* começaram a ser escritos por volta de 2000. Em língua portuguesa, o primeiro *blog* de que se tem notícia foi feito pelo brasileiro Nemo Nox, radicado nos Estados Unidos. Seu *blog*, “O Diário da Megalópole”, foi colocado no ar no dia 31 de março de 1998.

Os *blogs* (SILVA, 2009) vêm se transformando num fenômeno de massa. A blogosfera, como é conhecido o mundo dos *blogs*, conta com mais de 200 milhões, segundo o Technorati ([www.technorati.com](http://www.technorati.com)), serviço de buscas e indexação, especializado nos diários virtuais da blogosfera. Em abril de 2007, segundo a empresa, eram criados 175 mil *blogs* por dia e cerca de 1,6 milhão de *posts* publicados diariamente, ou seja, o equivalente a 18 atualizações por segundo. Os números realmente impressionam.

Para chegar a um milhão de usuários, a telefonia fixa demorou 74 anos; rádio, 38 anos; computadores, 16 anos; celulares, cinco anos; internet, quatro anos; *skype*, 22 meses. Quanto aos *blogs* – apenas para termos uma comparação com outras tecnologias lançadas ao longo da História – em maio de 2006, eram 40,5 milhões; em abril de 2007, o número chegava a 72 milhões. Em menos de um ano, a blogosfera praticamente dobrou de tamanho. Blogar faz escolas. Torna a internet e, por consequência a blogosfera, um proselitismo digital.

De que maneira podemos trabalhar com o *blog*? Construindo um “*blog da sala*”, no qual todos os integrantes da turma se responsabilizariam em postar algum conteúdo para a página.

O primeiro passo seria a criação de um *blog*. Quase todos os portais, como UOL, Terra, IG, disponibilizam gratuitamente essa ferramenta. É fácil de criá-lo; não precisa ser nenhum *webdesigner*. Basta seguir as instruções do próprio portal. O próximo passo é escolher um nome para o *blog*. Para isso, é preciso haver uma decisão conjunta a respeito do objetivo dessa espécie de diário virtual. Será um *blog* temático, que trata, por exemplo, de saúde, de esportes, de viagens. Ou será um *blog* de curiosidades, com relatos de experiências vividas pelos alunos. Ou, então, um espaço no qual se discutem os conteúdos das disciplinas da escola. Enfim, toda produção tem de ter uma meta para que a atividade não se perca no vazio.

Definidos os objetivos e criada a página, é hora de distribuir as funções. No início de cada aula, a turma se reuniria para decidir o que cada integrante escreveria ao longo da semana. Lembrando que cada produção demandaria pesquisa, seja em livros, seja na própria internet, para preparar o tema em questão. Entre as fontes de pesquisa, estão os novos gêneros digitais: e-mail, *blog*, twitter, wikipédia, MySpace, facebook, YouTube, Flickr, Plurk, etc.

Na semana seguinte, após pesquisar o tema previamente definido na semana anterior, os alunos iriam ao laboratório para postar o material produzido. Cada aluno seria responsável em inserir na página seu próprio texto. O tema pesquisado poderá conter texto, imagens, vídeos, animações, enfim, qualquer suporte para complementar o tópico pesquisado. Com o uso desses recursos audiovisuais ou multimídias, a página se torna mais atrativa para leitura. Basicamente, é a junção de mídia estática (texto, fotografia, gráfico) com mídia dinâmica (vídeo, áudio, animação).

Com a criação dessa atividade de pesquisa, a sala necessariamente passa, de forma interativa e adaptada ao novo cenário globalizado da internet, com o mundo digital, pelos dois eixos básicos focados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais: leitura (pesquisa dos temas previamente definidos em sala de aula) e produção textual (postagem do conteúdo pesquisado nos *blogs*).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo pretendeu juntar duas tendências. A primeira é o uso cada vez mais intenso das novas mídias, originárias da internet, nos relacionamentos e na comunicação do dia a dia. A segunda tendência se refere à proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de fazer uso dos gêneros textuais como forma de instrumento para o ensino da leitura e da produção de texto.

Trabalhar com gêneros textuais é um bom exercício para o aluno. Esse trabalho exige dele, *grosso modo*, duas ações: a primeira é a escolha do gênero a usar conforme a situação e a intenção comunicativa; a segunda consiste na possibilidade de, a partir de formas já existentes, criar novas formas de textos para a constante transformação, ou seja, produzir relações intragenéricas e intergenéricas.

Mas para que todas essas sugestões tenham êxito ou sejam postas em práticas é necessário que a escola faça sua parte. Ela deve apostar na nova metodologia e estimular o trabalho dos professores para que o aluno possa conhecer gêneros que normalmente são rechaçados pela escola na experiência cotidiana do aluno.

É preciso destacar, no entanto, que o trabalho com os gêneros deve estar vinculado a um objetivo. Simplesmente mostrar não é o suficiente. O aluno precisa saber refletir sobre o contexto de uso de cada gênero, pois, como afirma Marcuschi (2002, p. 20), tais gêneros “se caracterizam muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais”.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental*. Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARDOZO, M. L. Propaganda pessoal: redes sociais na internet. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), v. 1, p. 1-13, 2008. *Anais*. Natal: EDUFRRN.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. et al. **GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- McLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. Décio Pignatari. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1979.
- RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SERVA, L. P. *Babel: a mídia antes do dilúvio e nos últimos tempos*. São Paulo: Mandarim, 1997.
- SILVA, F. M. DA. O LEITOR DE BLOG: UM ESTUDO COM BASE NOS BLOGS MAIS ACESSADOS DO BRASIL. 2009. 157F. TESE (DOUTORADO EM LINGUÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA) – FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, ARARAQUARA, 2009.**
- 
- SILVA, J. Q. Gênero discursivo e tipo textual. *Scripta: Linguística e Filologia*, v. 2, n. 4, 1997.

TAPPSCOT, D. *Geração Digital: a crescente e irreversível ascensão da geração Net*. São Paulo: Macron Books, 1999.

Fernando Moreno é doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara e integra o GELE/CNPq (Grupo de Estudos sobre Leitura). É professor do Instituto Municipal de Ensino Superior de Catanduva. Suas áreas de interesse são: leitura, modalização e gênero blog. [fermosilva@yahoo.com.br](mailto:fermosilva@yahoo.com.br)